

O PAPEL DO FONOAUDIÓLOGO NA TERAPIA DA AFASIA¹

*Regina Maria Freire**
*Ana Claudia Rodrigues***

O ponto de vista sócio-construtivista – a linguagem do sujeito se constrói na relação com o outro – dá o tom deste trabalho que se propõe a estudar não só o discurso do sujeito afásico, mas também o do seu interlocutor – o fonoaudiólogo –, visto como co-construtor de sua (dele) linguagem. Para isso este profissional deve assumir o papel de investigador/observador e colocar-se em três parâmetros básicos:

1. o dado é um indício;
2. a situação de terapia é uma situação discursiva e
3. a posição do fonoaudiólogo exige uma série de deslocamentos e posicionamentos em pontos de vista diversos, o que lhe dará como consequência, perspectivas diferentes de onde olhar os dados e a situação discursiva da terapia (Freire, 1990; Tfouni, 1992).

A análise dos dados teve como suporte as idéias de Jakobson (1988) que aponta, na afasia, dois tipos de distúrbios: de similaridade e de contigüidade. A fala de um sujeito não patológico desliza em dois eixos: o paradigmático e o sintagmático utilizando-se para tal de metonímias e metáforas.

1. Pesquisa subvencionada em parte pelo CNPq.

* Fonoaudióloga e professora associada do curso de Fonoaudiologia da PUC-SP.

** Fonoaudióloga Clínica e bolsista do CNPq.

No distúrbio de similaridade observa-se a incapacidade ou uso ineficaz da metáfora, aparecendo em seu lugar a metonímia. Observa-se também que encontram-se afetadas a seleção e substituição dos constituintes, produzindo uma falha no eixo paradigmático.

No distúrbio de contigüidade observa-se a incapacidade ou uso ineficaz da metonímia aparecendo em seu lugar a metáfora. O que ocorre com o sujeito afásico é a incapacidade de deslizar entre esses dois eixos, privilegiando principalmente um deles, no caso do sujeito afásico estudado, o paradigmático.

O objetivo deste trabalho será mostrar o papel discursivo do fonoaudiólogo no processo de re-construção da linguagem de um sujeito afásico. N., de classe média baixa e nível primário de escolaridade, sofreu, aos 61 anos de idade um acidente vascular cerebral isquêmico, que lhe deixou, como seqüela, dificuldades de linguagem.

A terapia fonoaudiológica, com a frequência de duas vezes por semana, foi iniciada quatro meses após a instalação do quadro neurológico e discursivo.

Os recortes que serão apresentados a seguir, foram extraídos de 14 gravações em áudio videoteipe, efetuadas no decorrer de um ano de processo terapêutico. Neles será possível observar como a fonoaudióloga, usando principalmente do processo de especularidade de natureza metafórica (De Lemos, 1982, 1992), instrumenta sua terapia.

Exemplo 1

(referindo-se a uma foto de um álbum de família)

quem é, seu Nelson?

quem é esse?

esse aqui, Mau, Mau, Maurício,
Maurício...

Maurício?

Maurício, então, Maurício.

Esse aqui é o Maurício?

Maurocio, então Maurocia, Mauro,
Maurocia, Maurocia,

Hum!

Lá em cima, desse mulhé, dessa
senhora, aqui já feriado,
já, já, foi, cabô.

Morreu?

já, já foi.

Esse homem aqui morreu?

(indicando a foto)

Hum!

Esse aqui, esse aqui, esse aqui, otro,
esse aqui morreu
(trans. 4/14)

O exemplo 2 mostra-nos alguns aspectos do que estamos chamando de afasia de similaridade. O discurso do sujeito afásico em resposta à pergunta da fonoaudióloga, apresenta indícios de dificuldades quanto ao pólo metafórico da linguagem: o paradigma “morreu” – é realizado como: “já, já, foi, cabô”. A interpretação da fonoaudióloga – retomada – possibilita a re-construção do discurso do sujeito afásico de forma que ele possa chegar ao paradigma “morreu”. Observe-se que seu discurso, embora desviante, apresenta regras sintáticas e uma ordem gramatical – características que estão ausentes na afasia de contigüidade.

O exemplo 3 abaixo, além de apontar o papel do fonoaudiólogo na re-construção do discurso do sujeito afásico, diferencia-se do exemplo 1 por dois aspectos:

- a) o privilégio da interação sobre o processo específico de re-construção da face fonológica da linguagem. Aqui a fonoaudióloga deixa de lado o trabalho de re-construção dos paradigmas “Chitãozinho e Xororó”, para seguir a direção discursiva proposta pelo seu parceiro. O novo caminho é inaugurado com o paradigma “cabitudo”;
- b) a continuidade ao trabalho com a face fonológica deste novo paradigma é dada através do espelhamento na forma não desviante pela fonoaudióloga, sendo a seguir re-organizado e realizado de forma especular – e correta – pelo sujeito afásico.

Exemplo 3

(olhando capas de discos de música sertaneja)

e de quem são?

e, e, esse aqui **Sijó, Sijão**, como
chama esse aqui?

Chitãozinho e Xororó

ah! Sijon, ah! então eu falo esse
aqui, eu até falo esse aqui.

Cabitudo, cabitudo...

cabeludo!

cabeludo, é.
(trans. 5/14)

Os exemplos 4, 5 e 6 indicam os mesmos aspectos recortados anteriormente. Nos dois primeiros convém salientar a dificuldade com o paradigma e a facilidade com sua decomposição em unidades fônicas. O exemplo 4, principalmente, mostra o longo trabalho de decomposição que vai sendo feito até que se encerre a re-construção a nível paradigmático. Indica uma condição mais eficaz de N. em seu processo de re-organização da linguagem. Já o exemplo 6 mostra como a introdução da unidade fônica inicial do paradigma pela fonoaudióloga, possibilita a realização do mesmo. Esta estratégia não teria nenhum efeito em casos de afasia de contigüidade. Daí a importância de se caracterizar adequadamente os casos de afasia.

Exemplo 4

(vendo o livro de animais)
como chama esse passarinho aí?

aqui tá dizendo que chama pica-pau

nu sei, é, num sei, como chama esse

isso, aquele, que joga **tó-tó-tó-tó,**
tó-tó-tó-tó, é, passarinho, esse, (SI),
ganta esse aqui

(depois de alguns segundos de conversa sobre o passarinho)

este passarinho aqui?

é passa, para, passarapa, para
pau

passarinho

é

ahn... pica-pau

é este aqui, então, esse aqui... (aponta
para o pica-pau)

(depois de alguns segundos de conversa sobre o passarinho)

então fala esse passarinho aqui...

(apontando para o pica-pau)

ahn? arapau, ara...

pica-pau...

pi, picáu, pi, picáu, pi, pi,
picau

pica...

cau...

(mais alguns segundos)

este também é pica-pau

é, esse aqui, só esse aqui, esse aqui
também

este passarinho também é pica-pau

pi, picau, pi, pi, ca, u

pau

(trans. 6/14)

Exemplo 5

mas o senhor também num tem cabelão pra lavá, né?

eu daqui, to **ca ca, cala, cala,**
cala...

careca...

caregu, carega.

careca.

caregu, ca re ga.

ca re ca.

carega é
(trans. 12/14)

Exemplo 6

(olhando livro sobre animais)

como chama esse bichinho? (referindo-se a uma cobra)

cach, este aqui é... Como chama esse
aqui?

não sei...

ca, ca, carra, cachô, ca, como chama?

Có...

ahn?

có...

cobra, cobra, cobra.

cobra.

é cobra. Cobra, esse aqui.
(trans. 8/14)

Outra característica da afasia de similaridade refere-se à alteração no uso das três pessoas discursivas. O exemplo 7 abaixo, mostra esta ocorrência e a estratégia utilizada pela fonoaudióloga em sua re-significação. O uso das três pessoas, uma ao lado da outra, indica o que Jakobson chama de desvios na seleção do paradigma. Pode-se observar ainda, a dificuldade no pólo metafórico da linguagem, já discutida acima.

Exemplo 7

(a fonoaudióloga introduz a questão de N. saber escrever)

cê vai, cê vai... (rf) cê vai, cê vai
isquevé **comigo, cum eli, cum
você.**

se eu vou ajudar o senhor?

é.

lógico que vou...

ca, cu essa aqui (faz gesto de escrever
com a mão esquerda) sa
cum ela.
(tras. 7/14)

Por outro lado o trabalho da fonoaudióloga não é constituído somente por sucessos. Se a interpretação dos indícios na re-significação da linguagem do sujeito afásico estiver incorreta poderá haver um rompimento da interação. No caso do exemplo abaixo isto não chega a ocorrer pois o próprio sujeito afásico, ao negar a interpretação da fonoaudióloga, constitui outros indícios passíveis da interpretação desejada.

Exemplo 8

(o assunto é uma viagem da família toda à Aparecida do Norte)

O dia inteiro?

i mais carrega, mais, tu, tu, marrama,
mais como chama?
carrunfu...

era uma Kombi?

não, não como chama?

perua?

não, pera aí escuta, pera aí, como
chama esse negocião... ah...
correu... como chama?

o nome do carro?

não, não. Iapa como chama?
correu esse aqui, lá pra cima só,
correu aqui embaixo, como chama?
(desliza a mão E. de cima p/baixo)
Como chama, correu aqui embaixo,
correu, correu, correu.

Choveu?

é, é, é, é.
(trans. 12/14)

Os indícios que norteiam a primeira interpretação da fonoaudióloga são extraídos do tema da conversa – a viagem de toda a família – e o paradigma “carrunfu” que por sua semelhança como “carro” subjaz a pergunta: “era uma Kombi?”. A insistência de N. em desfazer o mal-entendido leva-o a utilizar-se de gestos referenciais que, juntamente com o que verbaliza, permitem que se refaça a interpretação. No entanto, isso nem sempre é possível, levando o diálogo muitas vezes, a assemelhar-se a uma conversa de “loucos”. O exemplo 9, na página seguinte, mostra uma dessas ocasiões.

Exemplo 9

(referindo-se a filmadora)

o senhor lembra quando eu trouxe isso?

contei é si.

o senhor lembra?

aqueli qui num tava piqueno aquela u
chorã, ã, cotia né

qui mininu coreu ele
o senhor lembra?

conhece?

Eu não quiria nada.

O que, o que que eu queria?

o que que eu queria?

tinha, eu falava, falava
pra ele?

(encena choro)

é, é, conhece?

é lógico, claro, cê, ã, por quê?
por que, cê queria?

Eu sei, ô va, eu falava si.

ahn?

eu não, eu falava, não, eu falava qui
dele, pra ele não

é, é, não tinha. Se gostava aí eu: bú:ú:

eu tô, eu não

(trans. 2/14)

A desestruturação apontada ocorre por um rompimento dos processos dialógicos de especularidade e de complementaridade (De Lemos, 1982), ou seja, a incorporação de parte da fala do outro para constituir a fala própria é substituída pelo uso da metonímia e não da metáfora como seria o esperado.

Conclui-se que o distúrbio de similaridade ou alteração do pólo metafórico da linguagem vai gradualmente diminuindo por força do processo discursivo terapêutico no decorrer do período estudado. Essa diminuição ocorre pela substituição do uso da metonímia pelo da metáfora. O papel do terapeuta/interlocutor nesse processo de reconstrução da linguagem do sujeito afásico está em recortar os paradigmas sem significado e inseri-los na cadeia sintagmática de seu discurso, de forma que, ao colo-

cá-los em relação uns com os outros, retomem seu valor sígnico podendo ser reinterpretados pelo sujeito afásico, que, dessa forma, reestrutura seu discurso.

Resumo

A análise dos dados que serão aqui discutidos teve como suporte as idéias de Jakobson, que aponta na afasia dois tipos de distúrbios: de similaridade e de contigüidade. O que ocorre com o sujeito afásico é a incapacidade de deslizar entre os dois eixos, privilegiando principalmente um deles, no caso do sujeito afásico estudado, o paradigmático. Conclui-se que o distúrbio de similaridade vai gradualmente diminuindo por força do processo discursivo terapêutico. Essa diminuição ocorre pela substituição do uso da metonímia pelo da metáfora.

Abstract

Data analysis which are going to be discussed here is based on Jakobson's ideas, in which two kinds of aphasic disturbances are pointed out: similarity and contiguity. What occurs with the aphasic subject is the individual's incapacity to slip between both axis, favouring mostly one of them. This is the case of the aphasic subject under study here, the paradigmatic. It is to be concluded, then, that the similarity disturbance decreases gradually due to the discursive therapeutical process. This decrease occurs through substitution, employing metaphors in place of metonymics.

Referências Bibliográficas

- DE LEMOS, C. T. (1982). "Sobre a aquisição de linguagem e seu dilema (pecado) original." Boletim da *ABRALIN*, 3:97-126.
- (1992). "Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismos de cambio." *Substratum*, vol. 1, n. 1:121-135.
- FREIRE, R. M. (1990). *A abordagem dialógica: uma proposta social em Fonoaudiologia*. Tese de Doutorado, Psicologia da Educação, PUC-SP.
- JAKOBSON, R. (1988). "Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia." In: *Lingüística e comunicação*. São Paulo, Ed. Cultrix, 1988.
- TFOUNI, L.V. (1992). "A onipotência do pesquisador e a natureza do dado: questões acerca das pesquisas sobre compreensão da linguagem." Revista *DELTA*, vol. 8, n. 2:205-223.